

Eu, moçambicana, me confesso

Diabo 13/6/91

COM os olhos rasos de água, assisti ao desfile paupérrimo dos guerrilheiros da Renamo, naquela amostra que nos deu a RTP, na «Primeira Página». Desfile de homens valentes, cobertos de andrajos. A coragem não se mede pela farda nem pelos metros de trapo em que alguns se envolviam.

Com os olhos rasos de água, porque a consciência me doeu de em muito pouco ter ajudado aquela gente. Desde o assassinio de **Evo Fernandes**, meu grande amigo, que neste jornal, a pouco e pouco, nos fomos esquecendo daqueles por quem ele lutava. Esquecendo, nem talvez seja a expressão exacta. Dele, de **Evo**, lembro-me sempre muito. E da perda que a sua «supressão»

(chamemos-lhe assim)

significou para a Resistência moçambicana. A verdade é que me fui acomo-

Continua na pág. 3

dando, convencida de que a Renamo recebia auxílios, de que não estava esquecida, como o programa

(insuspeito...)

mostrava. Mas, por mais que tente explicar, não tenho desculpa. E é isso que venho, como moçambicana, confessar.

Só tenho uma atenuante. No tempo de **Evo Fernandes**, íamos tendo notícias da Renamo. Agora, poucas ou nenhuma nos chegam. O que vimos na «Primeira Página» aperta-me o coração. A mim e a todos aqueles que não se conformam com a diferença de tratamento dado.

(inclusivamente pelo nosso Governo)

em Moçambique, à Frelimo. A CEE manda dinheiro para estes últimos comprarem mais armas para dizimar os combatentes que ainda restam. São muitos, mas lutam em precárias circunstâncias. São vítimas de doenças e não têm tratamento para elas. O que se viu é aterrador. Mas ainda cantam. Ainda o sorriso permanece na boca de **Afonso Dhlakama**. Ainda há esperança de que um dia possam viver livremente na sua terra. Na terra deles, que também é a minha.

Não é com estas lamentações e provas de humildade que posso ajudar a Resistência moçambicana. É fazendo tudo para que termine a guerra, é insistindo junto de quem tem força e dinheiro para que se crie um movimento de apoio à Resistência

(movimento que eu, insensata, julgava existir)

e para que se estude a forma de lhe dar roupas, alimentos e dinheiro.

Por que motivo se apoia — e muito bem — a Unita e se deixa a Renamo na miséria?

Desta coluna — que às vezes abandono por achar que «não vale a pena» — apelo para quem de direito e de força económica me diga como posso ajudar. Vale a pena. E não só. Nós, moçambicanos, temos a obrigação de pensar nos nossos irmãos negros que, quase nus, combatem já nos arredores das cidades onde chegaram graças à sua valentia e ao apoio das populações. Mas são os outros que recebem dinheiro para armamento...

Espero que alguém me ouça. Já tem acontecido. Aqui estou pronta, de coração aberto, eu que sou filha de um homem que há setenta anos dizia que era preciso «preparar aqueles povos para a independência». ■